



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA - LICENCIATURA

**TEORIA E PRÁTICA NO ENSINO:
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA SOBRE AS HISTÓRIAS MARGINALIZADAS EM FOZ
DO IGUAÇU**

LUÍS FERNANDO MOURA SODRÉ

Foz do Iguaçu
2024

**TEORIA E PRÁTICA NO ENSINO:
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA SOBRE AS HISTÓRIAS MARGINALIZADAS EM FOZ DO
IGUAÇU**

LUÍS FERNANDO MOURA SODRÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Rita Uhle

Foz do Iguaçu
2024

LUÍS FERNANDO MOURA SODRÉ

TEORIA E PRÁTICA NO ENSINO:
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA SOBRE AS HISTÓRIAS MARGINALIZADAS EM FOZ DO
IGUAÇU

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dra. Ana Rita Uhle
UNILA

Prof. Dra. Cecilia Maria de Moraes Machado Angileli
UNILA

Prof. Dr. Rodrigo Faustinoni Bonciani
UNIFESP

Foz do Iguaçu, 26 de abril de 2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, minha base, estrutura e razão de viver, por batalhar e

acreditar em mim, aos meus professores, especialmente memória ao Serjão, e por todos aqueles que me deram suporte e coragem para continuar quando me faltava razões. Também, agradeço a todos aqueles que passaram pela minha vida e já não estão presentes, mas que tornaram essa versão de mim possível. Agradeço pôr fim a minha amiga Loisa pelas conversas edificantes e por sua amizade tão sincera. Aos meus professores e a UNILA pelo conhecimento.

*En mi patria hay un monte
En mi patria hay un rio.*

Ven conmigo.

*La noche al monte sube.
El hambre baja el rio.*

Vem conmigo.

*Quiénes son los que sufre?
No sé, pero son míos.*

Vem conmigo.

*No sé, pero me llaman
y me dicen “Sufrimos”*

Ven conmigo.

*Y me dicen: “Tu Pueblo,
Tu Pueblo desdichado
entre el monte e el río,*

*con hambre y con dolores,
no quiere luchar solo
té está esperando, amigo”.*

*Oh tú, la que yo amo,
pequeña, grano rojo de trigo,
será dura la lucha,
la vida será dura
pero vendrás conmigo.*

Pablo Neruda

RESUMO

O trabalho é resultado do desdobramento da minha participação em um projeto de extensão, o qual me possibilitou pesquisar sobre as favelas e periferias no Brasil. A participação no projeto e as reflexões a partir desse trabalho, instigou-me a levar para a sala de aula a temática das favelas e das periferias de Foz do Iguaçu. Em vista disso, este trabalho objetiva analisar o processo de ensino-aprendizagem a fim entender as contribuições dessa temática para o docente e para os discentes de uma escola pública periférica localizada na Vila C. A análise metodológica está baseada, sobretudo, em conceito da Consciência Histórica de Jörn Rüsen, os quais possibilitam uma educação histórica em contraposição à ideia de um ensino bancário, que coloca o aluno como um espectador passivo no processo de aprendizagem, geralmente, focada na memorização acrítica e no mercado de trabalho. Espera-se construir uma visão mais profunda da história da cidade ao estudar e abordar de forma mais complexa os sujeitos históricos e seus territórios periféricos, cuja importância e suas lutas são apagadas nas histórias oficiais.

Palavras-chave: Periferia; Trabalhadores; Ensino-aprendizagem; Moradia.

RESUMEN

El trabajo es el resultado del desdoblamiento de mi participación en un proyecto de extensión, el cual me permitió investigar sobre las favelas y periferias en Brasil. La participación en el proyecto y las reflexiones a partir de ese trabajo, me impulsó a llevar al aula la temática de las favelas y de las periferias de Foz do Iguaçu. En vista de esto, este trabajo tiene como objetivo analizar el proceso de enseñanza-aprendizaje a fin de entender las contribuciones de esa temática para el docente y para los discentes de una escuela pública periférica ubicada en la Vila C. El análisis metodológico está basado, en particular, en concepto de la Conciencia Histórica de Jorn Rusen, que posibilitan una educación histórica en contraposición a la idea de una enseñanza bancaria, que coloca al alumno como un espectador pasivo en el proceso de aprendizaje, generalmente, centrado en la memorización acrítica y el mercado de trabajo. Se espera construir una visión más profunda de la historia de la ciudad al estudiar y abordar de forma más compleja los sujetos históricos y sus territorios periféricos, cuya importancia y sus luchas son borradas en las historias oficiales.

Palabras clave: Periferia; Trabajadores; Enseñanza-aprendizaje; Vivienda.

ABSTRACT

The work is the result of the unfolding of my participation in an extension project, which enabled me to research about the favelas and peripheries in Brazil. The participation in the project and the reflections from this work, instigated me to take to the classroom the theme of the favelas and the outskirts of Foz do Iguaçu. In view of this, this work aims to analyze the teaching-learning process in order to understand the contributions of this theme to the teacher and to the students of a peripheral public school located in Vila C. The methodological analysis is based on concept of the Historical Consciousness of Jorn Rusen, which enable a historical education in opposition to the idea of a banking education, which places the student as a passive spectator in the learning process, generally focused on uncritical memorization and the job market. It is expected to build a deeper vision of the history of the city by studying and addressing in a more complex way the historical subjects and their peripheral territories, whose importance and their struggles are erased in the official stories.

Key words: Periphery; Workers; Teaching-learning; Housing.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 DESENVOLVIMENTO	14
2.1 BREVE CONTEXTO SOBRE AS PERIFERIAS NO BRASIL	14
2.1.1 Trabalhadores e periferias em Foz do Iguaçu	16
<i>2.1.1.1 A consciência histórica do sujeito periférico</i>	19
3. A EDUCAÇÃO PARA A TRANSFORMAÇÃO	21
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é produto da minha participação como pesquisador bolsista no projeto de Extensão "Favelas.BR - Acervos e Histórias das Favelas no Brasil" iniciado em 2022. Esse projeto foca em dar protagonismos às favelas e periferias, oferecendo ferramentas e uma estrutura, como site, reuniões, para que os moradores das periferias tenham lugar de fala, produzam suas histórias por meio de arquivos comunitários. Como aborda Camoleze (2022), os arquivos comunitários contribuem para formação e educação, pois registram o ponto de vista das comunidades, seus valores morais e identitários. Configuram-se também como peça fundamental para a memória histórica de uma comunidade e colaboram com a compreensão das suas experiências de vida, conjunturas e suas lutas. Ao longo da minha trajetória como pesquisador, surgiram diversas reflexões sobre as periferias e as favelas e com elas a vontade de levá-las para a sala de aula como docente, que, posteriormente, foi possível através do Estágio Obrigatório III.

Este trabalho busca produzir nos jovens uma consciência histórica, termo que aparece nas obras Jörn Rüsen. Com o objetivo de fomentar a reflexão crítica sobre a realidade que circunda a cidade de Foz do Iguaçu e abordar questões sensíveis e resoluções, como a desigualdade social, e integrar a perspectiva histórica dos territórios e sujeitos marginalizados em Foz do Iguaçu.

Durante a elaboração do plano de aula, junto ao professor orientador, tornou-se evidente a necessidade de levar às escolas do município de Foz do Iguaçu assuntos relacionados às favelas. Desse modo, acreditávamos na possibilidade de os alunos não saberem sobre a existência de favelas ou também, não terem a visão de que estão localizados em uma periferia nos problemas em que isso acarreta para a sociedade que estão localizados nessa parte da cidade, e em que isso implica a sua vida prática, no dia a dia.

O interesse em incluir o ensino sobre as favelas de Foz do Iguaçu na escola surgiu do contexto histórico marcado pela natureza turística da cidade. A motivação reside não apenas em destacar os aspectos negativos, mas também em revelar a potencialidade das comunidades periféricas, abordando temas como a luta pela moradia, as dinâmicas de classe, a superação perante as dificuldades, evidenciar suas culturas e os laços de solidariedade presente nesses territórios.

Através dessa pesquisa e investigação, busquei fomentar um olhar profundo nas crianças em relação à sua realidade e à realidade do outro, promovendo a

construção de um pensamento histórico humanizado. Conforme enfatiza Freire (1996), o papel do educador transcende a mera memorização e reprodução de informações, como educadores, temos a responsabilidade de apresentar uma narrativa aos alunos, demonstrando que somos sujeitos históricos capazes de mudar e intervir no mundo, ao mesmo tempo em que buscamos compreendê-lo.

2 DESENVOLVIMENTO

Tendo isso em questão, na primeira aula foram trabalhadas questões históricas sobre as periferias a partir de uma série animada, seguido pela investigação e identificação das carências de orientações¹ dos alunos para serem trabalhadas posteriormente para que eles pudessem se reconhecer na temática. Na segunda aula, um pouco sobre o contexto histórico que se desdobrou no fenômeno da favela no Brasil, mas também com o foco em Foz do Iguaçu, buscando exercitar o pensamento histórico e a consciência histórica dos alunos. Desse modo no primeiro encontro eles responderam um questionário sobre as favelas; no segundo, foram convidados a construir uma narrativa utilizando as fontes. Essa compreensão é essencial para pensar o presente de forma contextualizada ao longo do tempo histórico.

Nesta parte, serão abordadas algumas das questões centrais trabalhadas em sala de aula como o aprofundamento delas. Primeiro, abordo as questões das primeiras favelas no Brasil, em que explicou um pouco do contexto histórico nacional, pois compreendo que para entender a realidade em sua plenitude, os alunos deveriam fazer o exercício de conhecer um pouco dessa história, mesmo que pareça distante da sua realidade. Depois, revisito algumas bibliografias sobre a formação da VILA C. E por fim, abordo as particularidades das favelas na Tríplice Fronteira a fim de analisar os discursos dos alunos sobre as periferias e as favelas, uma vez que o trabalho foi realizado em um bairro periférico.

2.1 BREVE CONTEXTO SOBRE AS PERIFERIAS NO BRASIL

Uma reflexão interessante para entender os fenômenos das favelas, remonta um passado imperial. Algumas perguntas direcionam um pouco para pensarmos uma resposta, tais como; onde se alojaram e qual era o espaço de boa parte dos escravizados, seus filhos e os trabalhadores pobres no Brasil pós-abolição? Como a sociedade e o Estado direcionaram seus esforços para essa parcela da sociedade que não

¹ Segundo Schmidt (2017) para Rusen as carências de orientação dos alunos é o que falta para que ele se encontre no conteúdo, assim o professor pode colaborar para que ele possa dar sentido à sua vida ao interpretar o passado e também dar um direcionamento a ele em relação ao presente e as suas ações futuras, colaborando para que ele não interprete os eventos da história como um fato isolado.

tinha acesso à moradia? Como as elites e a burguesia acompanhavam esse processo? Para desmistificar esses espaços, é essencial compreender sua formação.

As favelas, como representações iniciais de territórios negros, têm raízes profundas em condições sociais e econômicas que remontam à expansão colonial nas Américas (Alencastro, 2000). Essa abordagem exposta por Alencastro (2000) ainda que não contemple essa discussão sobre as favelas, colabora para pensar questões sociais e como ocorreu (e se ocorreu) a inserção dos escravizados na sociedade brasileira. Rolnik (2007) destaca que as favelas são reconfigurações de territórios negros, como os quilombos urbanos e rurais, resultado direto da expansão colonial, do tráfico de escravizados e da omissão do Estado em realocar essas pessoas na sociedade brasileira.

Em um primeiro momento, os mais pobres, ex-escravizados, alforriados, ocuparam os cortiços no centro do Rio de Janeiro. Segundo Campos (2007), essa foi a solução encontrada pelos mais pobres que buscavam alguma maneira de viver perto dos locais onde eram ofertados os trabalhos. A sociedade, influenciada pela época imperial e principalmente pelas teorias raciais, apontava os moradores dos cortiços como “vadios”, “desocupados”, “vagabundos” dentre outros adjetivos negativos.²

No trabalho de Valladares (2005), explicita que o processo de favelização no Rio de Janeiro iniciou em 1930 e o reconhecimento pelo Estado das favelas está presente em um documento no Código de Obras do Rio de Janeiro em 1937. O processo de favelização está atrelado a questões políticas, econômicas e sociais, a maneira em como a elite, que sempre esteve no poder, conduzia os rumos da nação segundo seus próprios interesses.

Esse grupo dominante levou a jovem república a ter uma base de problemas estruturais de desigualdade, habitacionais, ambas realidades ainda presentes. A modernização e a exclusão social foram ao mesmo tempo sendo moldadas no seio do Brasil. A partir do século XIX, a ideia de modernização e a busca incessante para ter um Brasil um espelho mais próximo possível da Europa em todos os aspectos (cultura, saúde, conhecimento, arquitetura), também exclui e marginaliza boa parte da população brasileira.

² Assim como Campos (2007), Valladares (2005) revisita a perspectiva negativa associada aos cortiços no Rio de Janeiro no século XIX, visto como um espaço de trabalhadores, mas também de “vagabundos” e “malandros”, um espaço de criminalidade, que ia contra ao projeto civilizatório que o Rio de Janeiro almejava criar.

Como resultado, comunidades e pessoas marginalizadas, principalmente negros e pardos, encontram nos cortiços uma forma de resistência diante a opressão econômica e política.

De fato, outro problema que poderia ser atribuído também à Lei de Terras de 1850, foi a transformação da terra em mercadoria, conferindo mais poder aos detentores de terra da elite que buscavam sempre expandir e acumular mais capital.

Em uma sociedade capitalista, ter um lar, um pedaço de terra passou a ser determinado pelo dinheiro, as favelas e ocupações evidenciam que o acesso a moradia é um privilégio de poucos e se tornaria um padrão no Brasil.³ Diante disso, é necessário abordar essa temática e expor essa realidade no Brasil, a fim de lutar contra a persistente invisibilidade desses territórios, conforme destaca Rolnik (2007), afinal, os espaços afetados por desigualdades econômicas e sociais tendem ainda a serem negligenciados pela narrativa histórica das cidades.

2.1.1 Trabalhadores e periferias em Foz do Iguaçu

A cidade de Foz do Iguaçu possui em sua história um forte apelo à memória turística, essa ideia foi construída sobre demandas de setores influentes da cidade. Essa ideia, simplifica a constituição da cidade, ofuscando sobretudo os trabalhadores, estes, fundamentais para que a cidade exista e progrida, e muitas vezes, são privados até mesmo de viverem a cidade e as atrações turísticas por ela fornecidas, seja por morarem longe, quase sempre nas periferias, como pela questão econômica.

O trabalho de Souza (2009) mostra que a constituição da memória da cidade de Foz do Iguaçu como turística surgiu quando a elite econômica da cidade, que eram pessoas influentes que controlavam os setores políticos, se deparou com a presença de outros importantes representantes do governo federal que chegavam na cidade com a construção da Usina. Constituir essa memória através de jornais, revistas e livros foi uma estratégia para exaltar a importância dessa tradicional elite, e para que os investimentos públicos e os interesses dessas elites locais não fossem prejudicados com a construção da Itaipu e a presença dos seus tecnocratas e seus interesses.

Enquanto as cidades buscavam se modernizar, excluindo parte da sociedade, as periferias tornaram-se um espaço possível para trabalhadores em busca de

³ atualmente na Constituição de 1988 do Brasil consta o direito à moradia digna, as favelas e periferias evidenciam as falhas do Estado em garantir esse direito.

sobrevivência. Em Foz do Iguaçu, não foi diferente, a construção da Usina Itaipu impulsionou o crescimento populacional, resultando em ocupações, favelização e marginalização de uma parcela da sociedade. Catta (2005) em seu estudo revela que a cidade, centrada no turismo, ocultou as periferias urbanas em nome da modernização, refletindo um padrão nacional de exclusão.

Esse trabalho também apoia na ideia de Thompson (1998) que propõe uma abordagem mais centrada nas classes populares, uma história que emerge de baixo para cima, para compreender as lutas e dinâmicas socioculturais de pessoas trabalhadoras e marginalizadas. Inicialmente, a Vila C foi construída para atender os trabalhadores que iriam executar o projeto da Hidrelétrica Itaipu, cuja localização estratégica possibilitou que os funcionários ficassem próximos ao local de trabalho.

Outras vilas foram criadas para alojar os trabalhadores e funcionários, a Vila A e a Vila B. Segundo o trabalho de Rammé (2020), Foz do Iguaçu tinha em 1970 cerca de 33.966 habitantes, em dez anos esse número passou a ser de 136.352 pessoas, essa expressiva mudança se deve muito por esse projeto de moradias feito pela Itaipu, sendo que entre os anos de 1975 até 1979 foram construídas 11 vilas operárias, denominadas de Vilas de Itaipu.

Essas residências não foram erguidas somente em Foz, afetou o Paraguai, elevando o tamanho da população das cidades fronteiriças. A criação dessas Vilas, segundo o trabalho de Clive (2019), denota a estratificação social como um projeto urbano, pois, a classificação dessas vilas como A, B, C foram definidas por classes sociais, sendo A e B, para funcionários dos mais altos escalões da empresa e a C para os mais humildes e afastados do centro urbanos, conhecidos como os “barrageiros”. Um pouco mais afastado e próximo ao centro, temos a Vila A, que abrigava parte da classe média, técnicos administrativos, sendo uma parte com saneamento básico, escola, um hospital para atender os funcionários.

A Vila B era frequentada por diretores e gerentes, pessoas influentes da Usina, sendo um condomínio fechado, na qual a população local só acessava como empregados domésticos ou para prestar algum serviço. Importante notar que esses processos e distâncias não são ao acaso e apontam a segregação desses trabalhadores à cidade, como bem pontua a perspectiva de Rammé (2020. p. 145-146):

A localização das Vilas influenciou de maneira crucial nos processos de expansão futuros, pois apenas no entorno da Vila A novos bairros puderam ser construídos,

reforçando ainda mais a segregação socioespacial imposta pela Itaipu Binacional. A Vila B teve seu projeto inserido estrategicamente no meio de amplas áreas verdes de preservação, entre o rio Paraná e a via que liga o centro da cidade à Itaipu Binacional. Já a Vila C teve seu crescimento limitado pelo canteiro de obras da Itaipu, pelo Lado da barragem e pelas linhas de transmissão, que acabaram isolando-a e tornando inviável a expansão no seu entorno.

A Itaipu passa, a partir da década de 1970, a ter uma grande representatividade política, influenciando a expansão territorial e a política da cidade segundo seus interesses. O trabalho de Ribeiro (2015) contribui com a discussão acerca do processo de favelização iniciado em Foz na década de 70, em relação com o projeto de Itaipu como uma etapa de modernização da cidade. Segundo o autor, esse projeto causou a expropriação das terras rurais, com o alagamento de uma área de aproximadamente 111 hectares, e a expropriação de áreas urbanas e semiurbanas. Moradores rurais foram expulsos para a construção das vilas da Usina, incluindo indígenas da região como os Ava-Guarani, que sempre estiveram habitando essa região da fronteira do Oeste Paranaense, o relato de Aluizio Palmar, explora bem esse momento de Foz do Iguaçu:

"Do alagamento das terras e outras remoções, aconteceu o seguinte, os proprietários saíram com dinheiro e compraram terra, pouca terra no Paraná que era cara, porque tinha valorizado pra caramba aqui na região. O que eles receberam de Itaipu não era suficiente para comprar muita terra, então eles preferiram ir para outros estados e muitos dos proprietários foram para Bahia, Mato Grosso e outros para o Paraguai. Com pouco dinheiro daqui compraram muita terra no Paraguai. Já com os posseiros e meeiros esses não tinham terra, só mão de obra, eles foram transferidos para o norte do Brasil, foram removidos. A Itaipu levou eles em ônibus e caminhões, foram várias levas, mas, alguns ficaram por aqui e foram para as favelas e outros que foram para o norte, mas, que depois voltaram para Foz, porque não se adaptaram ao clima e as dificuldades da região. Muitos desses que voltaram, também foram morar em favelas." (RIBEIRO, 2017. P. 153)

O relato de Palmar expressa também em sua fala o fenômeno 'brasiguaios', que resultada da imigração para o Paraguai dos habitantes brasileiros expropriados das terras. Outras pessoas, no entanto, foram expulsas sem indenização, e se mantiveram na cidade apenas vendendo sua força de trabalho. Esses últimos se deslocaram para favelas já existentes, como o trabalho revela, por exemplo, onde está localizado o bairro Três Lagoas, como também criaram outras, principalmente com a chegada de aproximadamente 20 mil trabalhadores, muitos juntos a suas famílias, para trabalhar na construção da hidrelétrica. Houve outros fatores determinantes para esse processo de favelização, não relacionados à ITAIPU.

Por exemplo, a mecanização do campo era um fenômeno internacional, sendo assim a favelização era um problema que iniciava também no campo, localmente, porque com a troca de mão de obra pelas máquinas, muitos camponeses foram substituídos suscitando um fluxo migratório rural-urbano, mais especificamente para as zonas periurbanas. Esse fato é relevante para entender a chegada dos trabalhadores por outra perspectiva, ampliando o debate do fluxo migratório, como um problema que estava relacionado com outras questões, e não somente centrada em Foz do Iguaçu.

Atualmente, após diversos estudos, a discussão das favelas de Foz do Iguaçu, em uma perspectiva urbanística, está enquadrada em uma abordagem mais ampla, que abrange os processos de favelização em uma perspectiva maior, a Fronteira Trinacional (Brasil, Paraguai, Argentina). Esses estudos possuem relevância para refletir sobre como esses assentamentos, moradias e moradores possuem suas particularidades, ao mesmo tempo que compartilham em comum a negligência de uma resolução por vias políticas e pela falta de debate público.

No trabalho feito por Angileli et al. (2022) mostra que existem na região da Tríplice Fronteira (Brasil, Argentina e Brasil) cerca de 350 assentamentos irregulares, localizados, em sua maioria, em zonas inapropriadas, como barrancos, encostas, e próximos aos rios. A população que ocupa esses territórios possui suas próprias características de lidar com o espaço e de se relacionar com o meio ambiente em que estão inseridos, diferente das favelas comumente vistas em grandes centros urbanos. Dos moradores, muitos são camponeses que saíram de suas terras rurais, pela mudança do sistema produtivo ou pelas supostas oportunidades que as cidades possuem.

Cabe destacar que partes desses lugares ocupados, estão em áreas de interesse de projeto de desenvolvimento urbanos, turísticos, logísticos e imobiliários locais e globais, fomentando novas transformações territoriais e conflitos. Embora, essas transformações devem passar por um amplo debate público antes de serem concretizadas, na prática o que há é o estabelecimento de uma coalizão entre grupos dominantes locais, políticos e financiadores que ignora o direito de moradia da população sobre esses territórios.

2.1.1. A consciência histórica do sujeito periférico

Rusen foi essencial no processo porque contribui para uma reflexão significativa para o professor de História e o seu compromisso com uma sociedade crítica

e humanizada. A partir dos seus estudos, a consciência histórica representa uma operação mental na qual o indivíduo consegue, por meio de uma narrativa, expor autonomamente seu pensamento histórico em um fluxo temporal que abrange o passado, o presente e o futuro.

Essa capacidade de criar uma narrativa envolve interpretar fontes históricas, analisar, criticar e contextualizar eventos passados. Por exemplo, ao interpretar uma fonte histórica, o sujeito pode construir uma narrativa interconectando diferentes momentos temporais. Esse entendimento do passado, ao confrontar eventos e fatos históricos por diferentes perspectivas, influencia diretamente nas ações e experiências do presente e no futuro de cada pessoa ou sociedade.

Essa compreensão do tempo é fundamental, pois permite ao aluno perceber que o passado não é algo estático; mas que exerce influência no presente, orientando ações para o agora e para o amanhã; em outras palavras:

Primeiro, o processo que comumente chamamos de consciência histórica pode ser expressado como a soma das operações mentais que tornam a experiência do passado presente, abrindo orientações dotadas de sentido para o agir e sofrer humanos no tempo. Esse processo se expressa mediante uma narrativa; é pela narrativa que os seres humanos demonstram a capacidade de interpretar a experiência e gerar orientações dotadas de sentido. (OLIVEIRA e SCHMIDT, 2015. p. 117)

Neste sentido, fica claro que para o autor, todos possuem uma consciência histórica. Em sala de aula, os alunos, como bem colocado por Freire (2016), não são seres vazios e suas narrativas sobre qualquer assunto são valiosas. Essas narrativas indicam o que deve ser trabalhado e como o professor pode intervir para que cada aluno trabalhe em si o que lhe falta para compreender o mundo de maneira complexa e principalmente guiá-los para uma ação consciente.

Perante o exposto, levanta-se uma questão: Como na atividade em sala, o professor conseguirá saber se o objetivo foi alcançado? Através da análise de sua narrativa conter uma expansão da sua intersubjetividade, se os alunos conseguem se localizar em sua análise, mas também produzir um discurso que estabelece novas relações, e compreendendo que o sofrimento e as ações do passado humano estão cercados por condições sociais, econômicas, políticas e culturais e que nessa esfera toca o presente.

3. A EDUCAÇÃO PARA A TRANSFORMAÇÃO

A aplicação das aulas foi dividida em duas intervenções, sendo uma na quinta e outra na sexta-feira. Na primeira aula apresentei aos alunos o trailer da série *Arcane*, assistimos parte do primeiro capítulo, após a exibição, houve uma roda de conversa sobre as primeiras impressões, algumas perguntas sobre o que mais chamou atenção. Por fim expliquei a série, e em como ela contribui para pensarmos as cidades, as desigualdades, relações de poder, o território, questões das políticas públicas e habitacionais e os processos de favelização.

Após essa exposição, os alunos foram convidados a pensar sobre a questão da copa do mundo no Catar, na qual, muitos trabalhadores imigrantes que ergueram os estádios e viviam em más condições, trabalhavam pesado, ganhavam pouco, e estavam localizados na periferia da cidade. Essa contextualização reforçou a ideia para que os alunos entendessem a periferia como um espaço que possui também trabalhadores, esquecidos pela história, e muitas vezes marginalizados pela própria cidade que ergueram. No exemplo em questão essas pessoas foram fundamentais para a copa acontecer e a cidade existir.

Essa ideia foi contextualizada por conta de ser o ano da copa, e colaborou para introduzir um pouco da história das favelas, o que gerou a discussão sobre periferia e favela, e suas diferenças, seja no Brasil e em seguida em Foz. Alguns alunos se reconheceram como periféricos, entretanto, não escreveram sobre isso na primeira intervenção didática, outros conheciam, ou tinham parentes que moram em ocupações recentes, como a do Bubas. A escolha da série animada foi pensando por ser algo próximo aos alunos, por isso a série foi utilizada como método didático a fim de trabalhar a consciência histórica.

Diante das reflexões de como preparar uma aula para os alunos a todo momento me coloquei no lugar daqueles que estariam acompanhando as aulas. Como poderia aprofundar uma temática com os alunos de maneira que fosse prazeroso estar ali e o processo de ensino-aprendizagem? Diante desse contexto, a animação foi pensada para a construção do pensamento histórico com a série retratando de maneira lúdica a realidade de Foz do Iguaçu.

Mas afinal, a animação também é fonte histórica? Sim, levando em consideração que a fonte histórica se define por ser qualquer produção consequente de uma construção humana e social, NETO (p.847. 2012):

Tendo em vista que toda a fonte histórica é fruto da construção social do homem, vale lembrar que a Animação também se encaixa neste parâmetro. Sobre fonte histórica, é preciso entender que, atualmente, a historiografia reconhece fontes visuais como legítimas, pela incessante luta e argumentações de historiadores da Escola dos Annales, no século XX.

Considerando isso, a pesquisa de Fernandes (2003) sobre o impacto das animações em crianças reconhece que, por meio das telas, elas conseguem atribuir significado às suas experiências práticas, ou seja, contribuem para a formação de suas percepções e pontos de vista sobre o mundo⁴.

Em outras palavras, essas imagens contribuem na forma em como enxergamos o mundo, influenciando nossa compreensão de temas e eventos. No entanto, essa ideia também traz consigo um claro problema político-ideológico, pois, se as percepções do mundo podem ser moldadas por produções imagéticas, algumas dessas produções podem resultar em efeitos de controle social, alimentando sentimentos de ódio, preconceito e oferecendo uma visão simplificada da sociedade.

A série Arcane é uma produção que possui em sua história uma sociedade dividida, marcada pela desigualdade social, representada pela separação de dois territórios por uma ponte, Zaun e Piltover. Piltover é uma cidade portuária e próspera, destacando-se por ser uma cidade com a ciência avançada. O progresso da cidade está presente por cada esquina, seus moradores vivem em um conforto econômico e social. Ademais, possuem uma economia bem estruturada por sua condição geográfica, facilitando a negociação pelo resto do mundo. Também se destaca pelo conhecimento acessível, sendo a ciência muito prestigiada e sendo incessante o investimento na busca por avanços tecnológicos.

Na trama, Zaun é considerada a periferia de Piltover, sendo quase uma cidade independente, devastada pela poluição, pela desigualdade e pela violência. A falta de uma estrutura de segurança adequada levou a cidade a ter um poder paralelo no seu controle, mesmo com a constante repressão e da guerra entre a polícia de Piltover no território. Tendo em vista o contexto da série, o objetivo inicial para a aula consistiu em identificar carências de orientação, auxiliar os alunos a terem autonomia para criarem a sua própria narrativa e a exercitar o seu pensamento histórico⁵. Neste sentido, pensando em entender melhor como os alunos estavam absorvendo o conteúdo, foram elaboradas quatro

⁴ Essa ideia também é explorada por Baczkó (1985), que reflete sobre como o imaginário social está intrinsecamente ligado às representações de imagens.

⁵ O uso da série animada como fonte histórica foi um exercício importante, ao apresentá-la junto ao tema proposto obtive a atenção dos alunos, o que me permitiu dar sequência ao conteúdo, que elucidou a história de Arcane e as questões de desigualdades sociais e territoriais presentes na série

perguntas para os alunos como atividade, todas relacionadas sobre as favelas em Foz do Iguaçu, no trabalho, foram entregues 10 trabalhos.

a. Existem favelas em Foz? Quais? Cite exemplos.
b. Quando surgiram as primeiras favelas em Foz?
c. Por que existem favelas?
d. O que poderíamos fazer para não existir as favelas?

Tabela 1 - algumas respostas selecionadas.

Aluna 1.
1. <i>Sim, existe sim. A Favela do Cemitério é um exemplo</i>
2. <i>Não me lembro de quando.</i>
3. <i>Existem favelas pela baixa economia (condição) das pessoas</i>
4. <i>Não deixar os ricos mais ricos, tentar igualar a economia de todos, fazendo os pobres terem condições melhores</i>
Aluna 2.
1. <i>Sim, Favela do Bolo, Jupira e do Queijo</i>
2. <i>Não sei</i>
3. <i>Porque as vezes tem pessoas que veem de fora não tem muito dinheiro e acabam decidindo ir pra favela e nas favelas também as pessoas não tratam uma a outra com desigualdade</i>
4. <i>Ajudando as pessoas que moram lá dando emprego para ter uma vida melhor e sair da favela.</i>

Aluno 3.
1. <i>Favela do cemiterio, favela do [inelegível]</i>
2. <i>[deixou em branco]</i>
3. <i>e onde os sem teto vai para se ajudar e construir casa para ter um teto</i>
4. <i>o dinheiro público ser distribuido igualmente para todas as escolas</i>

Fonte: dados do pesquisador, 2022.

Os alunos na primeira intervenção, se demonstraram distantes do tema, ainda que desenvolveram soluções, a ideia era que eles problematizassem essas questões e relacionasse com sua vida prática, como se questionar “o que morar na periferia afeta na

minha vida?” o que foi solucionado na segunda intervenção. Mesmo distantes, foi um exercício em que desenvolveram questões que não foram trabalhadas de forma explícita em aula, como a noção de ter mais investimento em escolas, a má distribuição de renda entre a população brasileira, ressaltando um entendimento econômico, como sugere a aluna 2 ao dizer que por não ter dinheiro acabam indo para as favelas.

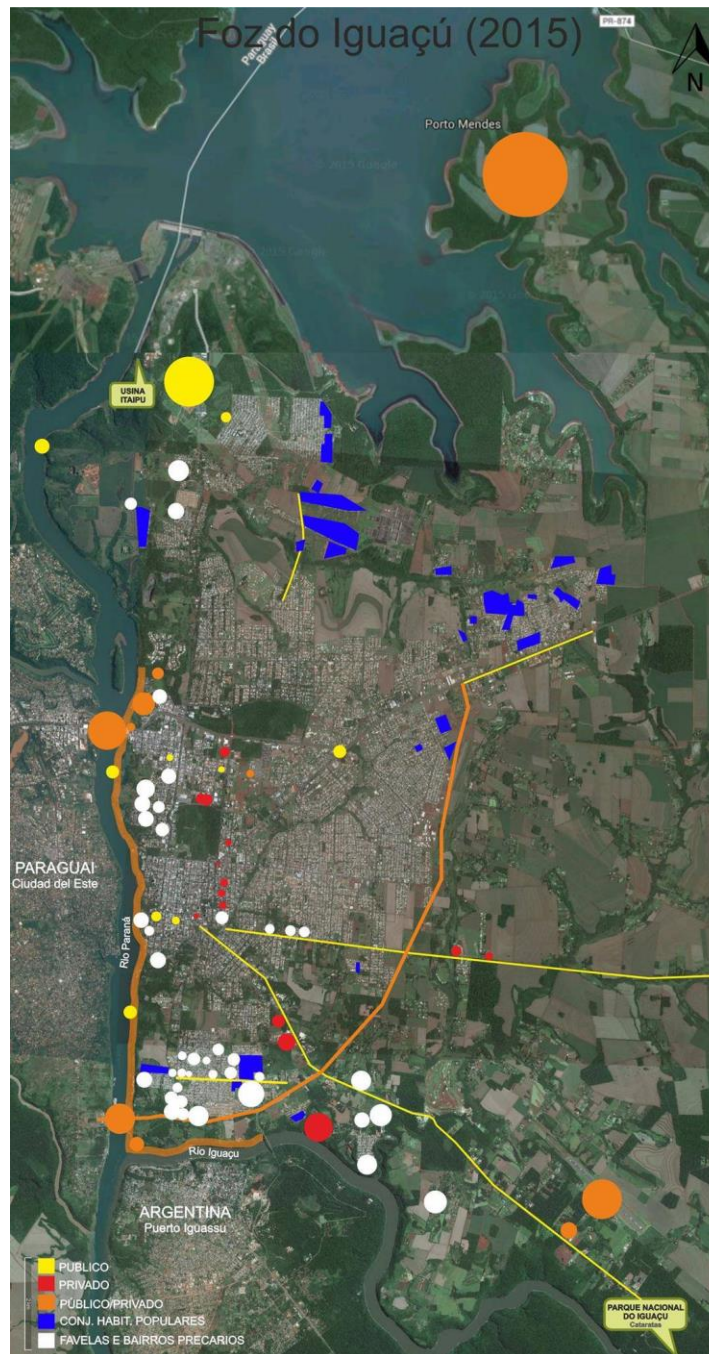
Já a aluna 1, possui uma consciência de classe pela sua resposta no item 4, ao sugerir uma melhor distribuição da riqueza de forma mais equitativa. Esse exercício foi fundamental para o estimular o pensamento histórico. Segundo Assis (2010) explicita que o pensamento histórico surge quando o indivíduo consegue ir além de decorar uma data ou um evento, consegue problematizar, criticar e refletir sobre o passado

É nessa direção que o princípio metodológico da multiperspectividade nas aulas de história deve ser reconhecido como essencial, significando que as experiências históricas precisam ser de tal forma apresentadas, que causem uma identificação com o envolvimento dos alunos, a partir da divergência entre os diferentes pontos de vista. Segundo Rüsen na prática do ensino de história, a subjetividade do aluno deixa, na transformação da experiência que lhe diz respeito (e isso também quer dizer: objetivo), duas maneiras de aparecer: (a) a primeira é indireta, por meio de uma identificação com aqueles que foram sujeitos pelo desenvolvimento temático histórico; (b) a outra, diretamente, por meio da reflexão dos próprios pontos de vista, na reconstrução do desenvolvimento histórico. Assim, a aula de história não deve e não pode evitar uma participação prévia, com a qual os alunos trazem seus próprios pontos de vista e sua perspectiva da interpretação histórica. (SCHMIDT, 2017. p. 68)

Neste sentido, era esperado que os alunos produzissem narrativas que precisariam ser trabalhadas e melhoradas posteriormente em outras aulas a respeito das favelas e periferias de Foz do Iguaçu, foram trabalhadas questões históricas sobre as favelas do Brasil, passando brevemente pelo contexto histórico, já que anteriormente, o professor de História da turma, havia trabalhado questões sobre a Lei de Terras de 1850.

Achei pertinente levantar os desdobramentos urbanos do impacto dessa Lei no Brasil, assim, trabalhamos em sala o início do processo de favelização do Rio de Janeiro e depois sobre Foz do Iguaçu, destacando que por volta de 1970, inicia a favelização no município que está ligada com a construção da Usina Itaipu. Também, foi exposto para os alunos um mapa (imagem 1) para mostrar onde estão localizadas as favelas e periferias de Foz do Iguaçu.

Imagem 1: Distribuição das favelas no município de Foz do Iguaçu. Bairros precários estão em branco. Conjuntos populares destacados em azul;



Fonte: Escolar Popular de Planejamento da Cidade, 2015

Discutimos questões de favela e periferia, alguns alunos que não sabiam da existência das favelas, notaram através da imagem onde estão localizadas, e perceberam como a população pobre sempre tende a ser empurrada para a periferia da cidade em conjuntos populares, após a discussão, expliquei sobre a formação das Vilas A, B e C, e sobre como a cidade possui um padrão na produção da desigualdade territorial na cidade há muito tempo.

Os alunos perceberam e falaram em sala das dificuldades de morar na periferia, na vila C, por exemplo, por ser longe do centro, dos pontos turísticos, longe do

local de trabalho, lazer e com acesso limitado a outros serviços urbanos. Na sexta-feira, segunda aula, assistimos alguns trechos do documentário “AS MUITAS FACES DE UMA CIDADE”.⁶

Após assistir, foram conduzidos a produzirem uma narrativa que abarcasse uma compreensão histórica expandida, produzida por eles a respeito do processo de favelização em Foz do Iguaçu em perspectiva temporal, utilizando as fontes apresentadas em sala. A ideia era que eles produzissem uma carta tendo certa identificação com a temática, mas pela falta de tempo e por ser final de ano, os alunos construíram uma breve narrativa sobre o que eles conseguiram aprender (tabela 1).

Tabela 1: Narrativa construída pelos discentes, representando o que aprenderam sobre as favelas e periferias.

Aluna 1	<i>A favelização começou no final do século XIX de lá pra cá foi se criando muitas favelas dentro das moradoras humildes que só querem um trabalho</i>
Aluna 2	<i>Aprendi e consegui aprender bem mais sobre as favelas e sobre a separação de poder. Em Foz do Iguaçu as favelas começaram em 1970, começaram por causa da baixa condição das pessoas. As favelas não mostram só o lado ruim, mas também mostra a força dessas pessoas. Aprender e entender sobre isso foi extremamente importante.</i>
Aluna 3	<i>Eu entendi que as periferias são longe do centro para não invadir o espaço da elite e quando estão em volta fazem o possível para serem excluídos</i>
Aluno 4	<i>Eu entendi a referência sobre a série da Netflix sobre a favela que os mais ricos oprimem os pobres por não terem condições as favelas estão porque os pobres não têm condições para comprar um terreno</i>
Aluno 5	<i>Aprendi que nesta aula falou sobre a Vila A, Vila B e Vila C, falou sobre que tem muitas favelas, todas perto de Lagoa Aluno 6 eu aprendi nesta aula sobre as favelas, também onde estão as favelas em Foz, e onde fica. Tipo a Vila C, Jardim Itaipu e onde elas eram antes, também das diferenças dos 2 lados da cidade.</i>

Ao que chama atenção na segunda intervenção, em todos mostram a compreensão de uma cidade fragmentada por classes sociais, e chama atenção que os alunos na segunda intervenção, utilizando as fontes em sala, escreveram uma narrativa histórica bem desenvolvida, como a aluna 1, desenvolveu sua consciência histórica de uma perspectiva temporal, e antes ela não sabia quando surgiu e conseguiu entender um pouco do contexto, a aluna 2 chama a atenção ao citar a “separação de poder” que indica sua

⁶ um documentário focado na história local e contada pelos moradores das favelas de Foz do Iguaçu, abordando a sua realidade tanto na periferia quanto na favela. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=32IDDW3b7ZA>

percepção de desigualdade socioespacial presente na cidade e o 5 que exemplifica as particularidades das ocupações em Foz do Iguaçu, por serem próximas aos rios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o resultado dessa pesquisa demonstra como é possível trabalhar sobre as favelas e periferias no ensino de História com os jovens, seja a partir do século XIX para entender sua formação, os seus sujeitos históricos intrínsecos e suas relações temporais indo do presente para o passado, entendendo o problema em sua raiz estrutural. Demonstrou como a partir do presente, das próprias narrativas e consciência dos alunos, como o simples fato de assistirmos uma série também pode envolver-nos a reflexões acerca do passado, do nosso presente, o nosso lugar no mundo e do próximo, e propor intervenções para um mundo mais justo. O estudo sobre a periferia, denota uma oportunidade edificante para trabalhar e incluir esse tema a partir de temas comumente estudados no currículo, como a Lei de Terras de 1850. As respostas dos alunos demonstram uma evolução em seu pensar histórico e na sua expansão da sua consciência histórica sobre as favelas e as periferias. Percebe-se a modificação da percepção dos discentes sobre as favelas, principalmente por terem utilizados as fontes históricas para a construção da segunda narrativa. Mesmo que tenham demonstrado estar distantes da discussão na narrativa escrita, em sala demonstraram sua identificação com a temática e os problemas de estar na periferia da cidade e o que isso acarreta para eles e suas famílias no dia a dia através de suas falas. O estudo sobre as favelas têm sido essenciais para a compreensão mais profunda da História do Brasil e da sociedade brasileira. Além disso, os desdobramentos dessa pesquisa em termos subjetivos, foi muito relevante por expandir o conhecimento urbanos, políticos, econômicos, coloniais, e também identitários, contribuindo ao entendimento das injustiças ocasionadas pela falta de políticas públicas e discutir caminhos e soluções com os alunos sobre essas questões. A teoria de Jörn Rüsen sobre a Consciência Histórica foi essencial para a realização do trabalho, ainda que demonstre um pouco complexa para entender, no geral, a discussão está atrelada e atribuir um sentido na História e revelar outros propósitos a ela como Ciência no ensino, pois, o seu sentido também está pautado em questões práticas e podem contribuir para um ensino-aprendizagem para além de um ensino que perpetua memórias e fontes fragmentadas e eventos históricos isolados. O exercício aqui exposto foi uma tentativa de romper com essas estruturas e se mostrou exitosa ao vislumbrar a construção de um sentido de um ensino de História em que os alunos possam se reconhecer nesse processo, além de aprofundarem sobre a história de Foz do Iguaçu que destaca uma perspectiva pouco trabalhada. A expectativa é que o trabalho também possa contribuir, ainda que minimamente, para o ensino de História, como para a

sociedade, colaborando com uma geração mais consciente dos problemas que nos cercam, refletir sobre soluções, colocar em evidência a história das favelas e periferias e os sujeitos históricos, além de manter a memória da história da luta por moradia e a obtenção de uma vida digna acesa.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Arthur. A teoria da história de Jorn Rusen: uma introdução /Arthur Assis. -Goiânia: Editora UFG, 2010
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul.São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ANGILELI, C.M.de M.M. ASSUMPÇÃO, S.B.; GASPAR, L.G.; ORTELLADO, N.F.M.; ÁLVAREZ, J.B.B.Favelas da Fronteira Trinacional do Iguaçu. In: ASSUMPÇÃO, S.B.; ANGILELI, C.M.de M.M. VOEFFREY, L.P.; LOBO, D.da (Orgs.). Desenvolvimento Sustentável da Região Trinacional do Iguaçu: discursos, interfaces, disputas e conquistas. Foz do Iguaçu: CLAEC, 2022a, p.381-419.
- Baczko, Bronislaw. "A imaginação social" In: Leach, Edmund et Alii. Anthropos-Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985
- CAMPOS, Andreilino. Do quilombo à favela. A produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CAMOLEZE, Jean Marcel Caum. Arquivos e movimentos sociais: um estudo da produção de documentos populares no setor nacional de educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2022.
- CATTA, Luiz. Eduardo. Sobreviver é preciso: pobreza e estratégia de sobrevivência em uma cidade de fronteira. In: XVIII Simpósio Nacional de História da ANPUH (História: Guerra e Paz), 2005, Londrina. XXIII Simpósio Nacional de História - História: Guerra e Paz, 2005.
- CLIVE, Adrielle Saldanha. A ESPOLIAÇÃO URBANA DE FOZ DO IGUAÇU: DESIGUALDADES SOCIOESPACIAIS E VULNERABILIDADE NO BAIRRO DE CIDADE NOVA. UNILA, 2019. p. 32-37
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- NETO, Mario Marcello. Que Animação! Os desenhos animados e o ensino de história: um diálogo possível. Disponível em:<https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/30735/20908>. Aedosn. 11 vol. 4 - Set. 2012.
- OLIVEIRA, T. A. D. de; SCHIMIDT, M. A. M. dos S. CONSEQUÊNCIAS DA TEORIA DA NARRATIVA HISTÓRICA PARA A DIDÁTICA DA HISTÓRIA: ALGUMAS POSSIBILIDADES PARA A PRÁXIS DOS PROFESSORES. Revista de Teoria da História, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 116–139, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/33585>.
- RAMMÉ, Juliana. A compreensão da urbanidade pela morfologia urbana: as vilas de Itaipu. 2020. 1 recurso online (379 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1638901>

SOUZA, Aparecida Darc de. **Formação econômica e social de Foz do Iguaçu**: um estudo sobre as memórias constitutivas da cidade (1970-2008). 2009. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.8.2009.tde-21102013-162826. p. 78-101.

Schmidt, Maria Auxiliadora. “Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da História”. *Intelligere*, Revista de História Intelectual, vol. 3, nº2, p. 60-76. 2017. Disponível em <http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A – NOME DO APÊNDICE

Elemento opcional. Colocado após as referências.

Constituído de informações elaboradas pelo autor do trabalho, não incluídas no texto. Os apêndices são identificados por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelos respectivos títulos.

ANEXOS

ANEXO A – TÍTULO DO ANEXO

Elemento opcional.

Colocado após os apêndices (caso exista apêndices, senão vem após as referências). Constituído de informações não elaboradas pelo autor do trabalho, que serve de fundamentação, comprovação e ilustração.